

## ASPECTOS INICIAIS DA FONOLOGIA DO MEHINÁKU (LÍNGUA ARAWAK DO ALTO XINGU)

Paulo Henrique De Felipe<sup>77</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma análise inicial dos processos linguísticos de harmonia vocálica, acentuação e também um esboço preliminar do estatuto das aproximantes [w] e [j] na língua Mehináku, da família Arawak, falada por aproximadamente 250 pessoas que habitam as proximidades do rio Kurisevo, no Parque Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso, Brasil. Nesta língua, notamos que tanto as vogais dos prefixos quanto dos sufixos, quando estes estão anexados aos verbos, sofrem processo de harmonização vocálica, a depender da qualidade e natureza da vogal do verbo que os sucede ou precede. Esse mesmo processo também pode ser visto em relação aos nomes, em que a harmonização vocálica se manifesta da mesma forma. Em relação ao acento, notamos que ele é livre para as palavras dissilábicas, mas fixo para as demais. As aproximantes, por sua vez, embora tenham sido tratadas por Awetí (2014) como vogais, são aqui tratadas como consoantes.

**Palavras-chave:** Acento. Harmonia Vocálica. Aproximantes. Língua Mehináku.

**Abstract:** This paper presents an initial analysis of the linguistic processes of vowel harmony, stress word pattern and also a preliminary outline of the status of the approximants [w] and [j] in the Mehináku language, an Arawak family, spoken by about 250 people living in the proximity of the Kurisevo river, in the Xingu National Park, in the State of Mato Grosso, Brazil. In this language, we note that both the vowels of the prefixes as suffixes, when these are attached to verbs, undergo vowel harmony process depending on the quality and nature of the vowel of the verb that succeeds or precedes them. This same process can also be seen in relation to the nouns, in which the vowel harmony manifests itself in the same way. Referring to the stress, we notice that its position is free for the dissyllabic words, but it shows a fixed position for the others. The approximants are treated here as consonants, although they have been treated as vowels by Awetí (2014).

**Keywords:** Stress. Vowel Harmony. Approximants. Mehináku Language.

### INTRODUÇÃO

Neste artigo iremos apresentar alguns processos fonológicos encontrados na língua Mehináku (Arawak), tais como a harmonia vocálica, o acento e o estatuto das aproximantes [w] e [j] na língua. Nosso propósito é apresentar o modo como esses

---

<sup>77</sup> Doutorando em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas - IEL/UNICAMP. Bolsista FAPESP 2016/18391-4.

fenômenos ocorrem na língua, a partir da análise inicial dos dados da língua Mehináku, e fornecer hipóteses que nos parecem sensatas à ocorrência de tais fenômenos linguísticos. Estamos levando em consideração, para a produção desse trabalho, alguns dados gravados por Corbera Mori (2010) a respeito dos verbos na língua, os trabalhos de Corbera Mori (2005, 2008, 2009, 2011), a dissertação de mestrado de Awetí (2014) a respeito dos nomes em Mehináku, e nossa coleta de dados, realizada em julho de 2017, na aldeia Utawana, no Parque do Xingu, no estado de Mato Grosso, Brasil.

Este trabalho está dividido em 4 partes principais: seção 1, em que apresentaremos brevemente a língua e o povo Mehináku; seção 2, em que trataremos da harmonia vocálica nessa língua; seção 3, em que trataremos do acento em Mehináku e a seção 4, em que falaremos a respeito do estatuto das aproximantes [w] e [j], em especial no que se refere ao seu caráter de consoantes, seguida da conclusão.

## 1. A LÍNGUA E O POVO MEHINÁKU

De acordo com Aikhenvald (1999, p. 65), as línguas Arawak encontram-se espalhadas por diversos países do continente americano. No caso específico do Brasil, as línguas Arawak são encontradas em regiões dos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, Acre, Roraima, Amapá e São Paulo.

Das línguas Arawak faladas no Brasil central, destacam-se o Mehináku, o Waurá e o Yawalapiti, que continuam sendo faladas no Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso). As primeiras observações etnológicas e linguísticas a respeito destes idiomas foram levantadas pelo pesquisador alemão Karl Von de Steinen (1940[1886]), em sua obra *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Steinen é considerado o primeiro estudioso que definiu os Mehináku, Waurá e Yawalapiti como membros de uma unidade etnológica e que falavam uma mesma língua. Para o linguista Aryon Rodrigues (1986, p. 68), todavia, as línguas Mehináku, Waurá e Yawalapiti “embora tenham características em comum, são línguas distintas entre si, ainda que o Yawalapiti divirja um pouco mais das outras duas”. Em um estudo comparativo realizado por Seki e Aikhenvald (1992), as autoras assumiram que há duas línguas Arawak xinguanas: a primeira falada pelos Yawalapiti e a segunda pelos Waurá e Mehináku, que compõem o ramo central da família linguística Arawak-Maipure.

Os índios Mehináku do Brasil central são, segundo Gregor (1982), apenas uma

das aldeias muito similares que vivem ao longo dos formadores do rio Xingu, um dos grandes tributários do Amazonas. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2006), os Mehináku são habitantes da área cultural conhecida como Alto Xingu, e fazem parte de um amplo complexo de povos que, embora compartilhem de muitas semelhanças, em especial em relação à língua e a cultura, são diferentes entre si. Estima-se, atualmente, que a língua Mehináku seja falada por aproximadamente 250 pessoas que habitam a região do rio Kurisevo, no Parque Indígena do Xingu, Mato Grosso, Brasil. A população distribui-se em quatro aldeias, são elas: (i) Uyaiyuku, que é a mais antiga e é dirigida pelo cacique Yumui Mehináku; (ii) Utawana, que desde o início de 2016 tem sido dirigida pelo pajé Tukuyari; (iii) Kaupüna, que foi criada por Makaulaka Mehináku, filho de Yahati Mehináku (antigo cacique da aldeia Utawana), após ter retornado da Universidade de Brasília, onde fez seu mestrado em Linguística e Aturua, atualmente dirigida pelo pajé Amunai, irmão do cacique da aldeia Uyaiyuku.

Segundo Corbera Mori (2008), à diferença do que ocorre em alguns outros povos indígenas, no caso do Mehináku há uma correlação entre o número da população e o número de falantes. Todos os membros das quatro aldeias Mehináku falam a língua materna. Os homens de mais de 60 anos são monolíngues, falam apenas a língua indígena. Do mesmo modo, as mulheres mais adultas só falam em Mehináku. As mulheres mais jovens entendem o português, mas o falam muito pouco. Os jovens, ao contrário, falam o português com certa fluidez. Contudo, quando saem para vender artesanato em cidades como Campinas, São Paulo, Brasília, entre outras, gostam de falar em sua própria língua.

## 2. O PROCESSO DE HARMONIA VOCÁLICA EM MEHINÁKU

A harmonia ou harmonização vocálica é um processo que ocorre em muitas línguas do mundo, sobretudo naqueles idiomas pertencentes ao ramo fino-úgrico, como o Finlandês e o Húngaro (CHAGAS DE SOUZA, 2003; 2004), por exemplo, mas que também pode ser encontrado em línguas como o Turco e, de forma mais contígua, também no Português (BISOL, 1981), (ABAURRE E SANDALO, 2008; 2009), (SANDALO, 2012), dentre outros.

Em termos gerais, o processo de harmonia vocálica é um fenômeno fonológico em que um ou mais traços da vogal se propagam para outros segmentos vocálicos em um domínio (CRISTÓFARO-SILVA, 2011). Segundo Trask (1996, p. 383), a harmonia se

estabelece quando a qualidade de uma vogal é alterada para se tornar similar a outra vogal na mesma palavra fonológica. Chagas de Souza (2003) define a harmonia vocálica como a identidade superficial de traços de vogais adjacentes. Sendo um processo linguístico comum às línguas naturais, é possível pensar, segundo o autor, que teoricamente haveria um *continuum* em relação às línguas afetadas por esse processo, de modo que haveria línguas sem nenhuma harmonia vocálica, até línguas em que sempre haverá harmonia.

O processo de harmonia vocálica em Mehináku é morfofonológico e ocorre em dois contextos específicos: (i) na prefixação, quando o morfema se adjunge a esquerda de um item lexical (verbo ou nome) e na (ii) sufixação, quando o morfema se adjunge à direita deste item. Nestes dois casos, as vogais dos morfemas, sejam elas do prefixo ou do sufixo, irão concordar com o item a que estão anexadas. Começamos a observar este fenômeno pelos prefixos.

Em Mehináku, os pronomes pessoais aparecem adjungidos prefixalmente a esquerda dos verbos e nomes. Estamos assumindo, neste trabalho, que estes prefixos pronominais são formas reduzidas dos pronomes pessoais plenos da língua. A relação entre pronomes plenos e reduzidos que aqui assumimos pode ser melhor vista na tabela 1, abaixo, em que apresentamos à esquerda os pronomes plenos da língua, e à direita suas respectivas formas reduzidas. Vejamos:

Glosa	Formas Pronominais Plenas	Formas Pronominais Reduzidas
1	natu	nu-
2	pitsu	pi-
12(3)	ajtsu	aw-
23	jitsu	jĩ-
3	Ø	i-

Tabela 1. Relação entre pronomes plenos e reduzidos em Mehináku.

### 2.1 Harmonia vocálica nos verbos

Dos pronomes apresentados acima, dois deles, quais sejam: os de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do singular, representados respectivamente por *nu-* e *pi-*, sofrem o processo de harmonização vocálica. Nestes casos, tais pronomes parecem assimilar a posição e o arredondamento das vogais do tema a que estão anexados, como podemos ver pelos exemplos em (1), abaixo:

(1)

a. ni-katumala  
1SG-trabalhar  
'Ele trabalha'

b. ni-wahi  
1SG-fala  
'Eu falei'

c. pu-tuka  
2SG-beber  
'Você bebe/beba'

d. ni-kiʃuta-wi kupati  
1SG-cortar-PSD carne  
'Eu cortei carne'

Como dissemos, este mesmo fenômeno pode ser visto também na sufixação. Observemos, a seguir, o caso dos sufixos de tempo verbal *-wi* (2a) e *-lu* (2b), o de aspecto *-pai* (2c/d) que são anexados aos verbos em Mehináku.

(2)

a. n-atʃa-wi  
1SG-comer-PSD  
'Eu comi'

b. n-aitʃa-li  
1SG-comer-FUT  
'Eu comerei'

c. n-elele-pei  
1SG-chorar-IMPERF.DUR  
'Eu estou chorando'

d. n-etuna-pai  
1SG-andar- IMPERF.DUR  
'Eu estou andando'

## 2.2 Harmonia vocálica nos nomes

Assim como nos verbos, o processo de harmoniza vocálica também ocorre com os nomes. Nos casos que apresentamos abaixo, as vogais dos sufixos de diminutivo *-taj* e plural *-naw*, assimilam os traços de posição e arredondamento das vogais dos itens nominais a que estão anexadas. Vejamos:

(3)

a. eniʃa-tāj  
homem-DIM  
'homenzinho'

b. n-ulekẽ-těj  
1SG-comida-DIM  
'minha comidinha'

c. tanule-něw  
primo-PL  
'primos'

Essa harmonização que atinge as vogais dos morfemas parece obedecer, portanto, a uma separação das vogais do Mehináku em três tipos: anteriores, centrais e posteriores, conforme tabela 2 abaixo, uma vez que vogais posteriores, como a do prefixo pronominal

*nu-*, se centralizam para concordar com a vogal do tema verbal, quando esta é central (conforme 1a/b/d). O mesmo vale, por exemplo, para a vogal anterior do prefixo pronominal de 2ª pessoa *pi-*, que se posterioriza para concordar com a vogal posterior do verbo (conforme 1c). Esta distinção das vogais em três posições em relação a harmonização vocálica com temas verbais faz jus, portanto, a separação das vogais do Mehináku em três posições, como apresentada por Corbera Mori (2008), abaixo:

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média		e	
Baixa		a	

Tabela 2. Inventário vocálico do Mehináku (adaptado de Corbera Mori (2008: 67)).

### 3. O ACENTO EM MEHINÁKU

Segundo Ladefoged (1993, p. 249), o acento refere-se, foneticamente, “[...] ao grau de força ou intensidade ao se produzir uma sílaba”. Liberman e Prince (1977), por sua vez, consideram o acento como uma proeminência originada na relação rítmica e hierárquica entre sílabas, em especial, entre as rimas silábicas (com núcleo obrigatório). Para a atribuição do acento, leva-se em consideração o peso silábico, estabelecendo uma distinção entre sílabas leves e pesadas. O conceito de sílaba leve e pesada é tratado por Hayes (1995) da seguinte forma: (i) sílaba leve é constituída por apenas uma vogal; (ii) sílaba pesada é constituída por VOGAL + CONSOANTE ou por VOGAL + VOGAL, o que forma um ditongo ou uma vogal longa.

Além disso, de acordo com Hyman (1975, pp. 273, 274), ao se analisar uma língua, deve-se atentar à diferença entre acento “livre” e “fixo”. Se o acento é livre em uma língua, pode recair na primeira ou na segunda sílaba das palavras, logo, sua posição exata forma parte da entrada léxica de cada palavra. Entretanto, segundo o autor, se o acento recai sempre na mesma sílaba, não há por que formar parte da estrutura subjacente da palavra. Hyman argumenta que as línguas acentuais podem pertencer a um ou outro tipo, ou, inclusive, apresentar um tipo intermediário de acentuação, sendo o acento livre em algumas partes e fixo em outras. Este parece ser, a nosso ver, o caso do Mehináku, que apresenta diferentes tipos de acento a depender da estrutura silábica das palavras.

Em palavras dissilábicas, o acento recai sempre na última sílaba da palavra,

quando ambas as sílabas forem leves, mas recai na penúltima sílaba, caso esta seja pesada. Estamos entendendo sílaba pesada, aqui, como aquela que contém uma vogal longa.

Vejamos a tabela, abaixo, em que apresentamos uma lista de palavras dissilábicas em Mehináku, com suas respectivas glosas.

1. pa'pa	'pai'
2. ma'ma	'mãe'
3. he'he	'beijuzeira'
4. 'pa:ka	'cará'
5. 'wa:lu	'caranguejo'
6. 'uni	'chuva'
7. 'te:me	'anta'
8. 'ma:pa	'mel'
9. 'ka:mi	'sol'
10. 'i:wi	'afiado'
11. 'a:ta	'árvore'
12. 'a:na	'pilão'
13. 'a:tsu	'avô'

Tabela 3. Palavras dissilábicas em Mehináku

Corbera Mori (2008) somente trata a palavra em (4) como contendo uma vogal longa na primeira sílaba. Neste trabalho, entretanto, estamos tratando todas as demais palavras, de (1 a 13), como possíveis candidatas a portarem vogais longas na primeira sílaba. Nossa escolha por fazer isso não teve como intuito facilitar a análise ou acomodar os dados aos resultados que gostaríamos. Eles refletem, pelo contrário, nossa pesquisa com outras línguas Arawak, como o Yawalapiti (MUJICA, 1992, p. 25) e o Waurá (POSTIGO, 2014, p. 107), em que palavras como as em (11-13) portam uma vogal longa na primeira sílaba. Além disso, se compararmos a palavra em (4) com a palavra em (8), veremos que se tratam de pares análogos, de modo que tratá-las diferente em relação ao acento poderia ser um equívoco.

As palavras trissilábicas e polissilábicas em Mehináku, por sua vez, portam sempre o acento na penúltima sílaba, como podemos ver pelos dados na tabela 4, a seguir:

Palavras Trissilábicas		Palavras Polissilábicas	
1. pa'lawa	'órfã'	1. mapa'palu	'borboleta'
2. e'pula	'verde'	2. arau'kumã	'frango'
3. pi'hiki	'assado de mutum'	3. jami'ruka	'relâmpago'
4. wa'kala	'jaburu', 'garça'	4. enu'na:ku	'céu'
5. wi'kihi	'copaíba'	5. ihi'kumã	'peixe estragado'
6. wa'papa	'mergulhão'	6. tsuku'jalu	'mulher grávida'
7. ti'nişu	'mulher'	7. n-itsu'taru	'minha filha'

Tabela 4. Palavras trissilábicas e polissilábicas em Mehináku.

Pela análise das palavras apresentadas até aqui, podemos afirmar que o sistema acentual em Mehináku não é fixo para as palavras dissilábicas, como vimos na Tabela 3, mas é fixo para as trissilábicas e polissilábicas apresentadas na Tabela 4, acima. Haveríamos, portanto, de concordar com Hyman, sobretudo quando o autor argumenta que as línguas acentuais podem pertencer a um ou outro tipo de acentuação, ou, inclusive, apresentar um tipo intermediário de acentuação, sendo o acento livre em algumas partes e fixo em outras.

#### 4. O ESTATUTO DAS APROXIMANTES [W] E [J] EM MEHINÁKU

Este é o último tópico que trataremos neste trabalho. Pretendemos, aqui, revelar o estatuto consonantal das aproximantes em Mehináku, como forma de contrapor os dados apresentados por Awetí (2014), em que estas aproximantes são tratadas como vogais.

Como o padrão silábico do Mehináku é (C)V, ao ocorrer uma consoante em Onset silábico, ela deverá ser simples, isto é, não pode haver grupos consonantais na posição de ataque, nem a ocorrência de consoantes em posição de Coda silábica. Essa seria, portanto, uma primeira evidência em defesa de que os segmentos [w] e [j] podem ser analisados como fonemas consonantais que ocupam as posições de Ataque no padrão silábico, tanto em posição inicial da palavra como no interior dela. Vejamos os exemplos abaixo, extraídos de Corbera Mori (2008):

[j]		[w]	
'japa	'paca'	wa'tuku	'borduna'
a'jupe	'algodão'	ti'wi	'cabeça (N-POSS)'
jeşe'ti	'nádegas (N-POSS)'	we'se:şe	'perereca'
kuju'wi	'jacu'	nu-wi'siku	'minha mão'

Tabela 5. Aproximantes [w] e [j] em Mehináku.



Além dessa evidência, outra encontra-se presente na morfologia da língua: os prefixos pronominais reduzidos, aqueles que apresentamos na tabela 1, em construções de posse nominal. Estes prefixos ocorrem com o padrão silábico CV- quando a base nominal a que se anexam começa com consoante, e apenas como C-, quando essa base se inicia com vogal. Eis que, em Mehináku, os nomes que começam com /w/ ou com /j/ no início da palavra, em construções de posse, são sempre interpretados como consoantes pelos falantes, como se pode ver comparando os exemplos em (4a/b), abaixo:

(4)

a. pa'lata	‘pente’	e'tene	‘remo’
nu-pala'ta	‘meu pente’	n-e'tene	‘meu remo’
pi-piula'ta	‘teu pente’	p-e'tene	‘teu remo’
b. wiʃiku-'i	‘mão’	juhiamepe-'i	‘sobrancelha’
ni-wiʃiku	‘minha mão’	nu-juhia'mepe	‘minha sobrancelha’
pi-wiʃiku-'i	‘tua mão’	pu-juhia'mepe	‘tua sobrancelha’

Awetí (2014, p. 81), contudo, apresenta um conjunto de construções de posse nominal em Mehináku, em que o nome possuído se inicia pelas aproximantes [w] e [j], mas nos quais os prefixos pronominais se comportam como C-, ou seja, o autor não reconhece estes segmentos como consoantes, mas como vogais. Vejamos os dados a seguir:

(5)

a. n-wāzaju-ti	b. n-wā-ti
1SG-feijão-CL.SEMENTE	1SG-coco de tucum- CL.SEMENTE
‘meu feijão’	‘meu coco de tucum’
c. n-julaka	
1SG-moqueado	
‘meu moqueado (de peixe)’	

A nosso ver, no entanto, as aproximantes na língua Mehináku devem ser tratadas como consoantes, conforme mostramos pelos exemplos em (4), acima.

## CONCLUSÃO

O objetivo principal desse trabalho, como mostramos ao longo do artigo, foi apresentar e discutir algumas hipóteses a respeito do processo de harmonia vocálica, da

acentuação e do estatuto das aproximantes em Mehináku (Arawak). Como dissemos, não pretendíamos, aqui, encerrar nenhuma análise a respeito de tais categorias, mas apenas fornecer um panorama geral a respeito desses processos, a partir do conjunto de dados de que dispúnhamos. Esperamos que este trabalho, que em nada é conclusivo, mas apenas o pontapé inicial para novos desdobramentos a respeito desses processos, tenha nos ajudado a entender melhor, ainda que muito brevemente, os fenômenos linguísticos de harmonia vocálica, acentuação e das aproximantes em Mehináku.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete; SANDALO, Filomena Sandalo. *Harmonia vocálica e modelos de representação de segmentos*. Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- AIKHENVALD, Alexandra Y. The Arawak language family. In: R. M. W. Dixon/Alexandra Y. Aikhenvald. (eds.). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 65-102, 1999.
- AWETÍ, Makaulaka Mehinako. Uma descrição preliminar das classes de palavras da língua Mehináku, com foco especial na classe dos nomes. *Dissertação de mestrado*. Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- BISOL, Leda. Harmonia vocálica: uma regra variável. *Tese de doutorado em Linguística*. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1981.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília-DF: Senado, 1988.
- CHAGAS DE SOUZA, Paulo. Harmonia Vocálica, Contrastividade e Licenciamento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 38, n.4. 211-219, 2003.
- CHAGAS DE SOUZA, Paulo. O Finlandês e o Húngaro e a Tipologia da Harmonia e da Desarmonia Vocálica. *Revista Letras*. v. 21. 77-96, 2004.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. A posse nominal em línguas Arawak do Sul e Arawak Central: uma abordagem descritiva. *Estudos linguísticos*. Campinas-SP, vol. 34. 263-268, 2005.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Aspectos da fonologia Segmental do Mehináku. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 37 (1). 63-72, 2008.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Sobre a nasalidade de vogais em Mehináku”. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 38 (1). 213-222, 2009.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Aspectos da Morfofonologia e Morfologia nominal da língua Mehináku (Arawak). In: Bruna Franchetto. *Alto Xingu: uma sociedade multilíngue*. Rio de Janeiro: Museu do índio- FUNAI. 193-216, 2011.
- CORBERA MORI, Angel Humberto. Waurá e Mehináku: um breve estudo comparativo. *Estudos linguísticos*, São Paulo, 41 (1). 196-205, 2012.
- CRISTÓFARO-SILVA, Thaïs. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GREGOR, Thomas. *Mehináku: O Drama da vida diária em uma aldeia do alto Xingu*. Editora Nacional (Brasília), 1982.

- HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory (Principles and Case Studies)*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- HYMAN, Larry M. *Phonology: Theory and Analysis*. New York: Holt, Rinehart & Winston. IDS - Intercontinental Dictionary Series, 1975.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo da população indígena do Brasil. Censo Demográfico de 1991/2010*. <<http://indigenas.ibge.gov.br/>>. [consultado em 21 de julho de 2016].
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povos indígenas no Brasil: 2001-2005*. São Paulo, 2006.
- LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. Fort Worth, TX, Harcourt Brace College Publishers, 1993.
- LIBERMAN, Mark; PRINCE, Alan. On Stress and Linguistic Rhythm. *Linguistic Inquiry*, n.8. 249-336, 1977.
- MUJICA, Mitzila Isabel Ortega. Aspectos fonológicos e gramaticais da língua Yawalapiti (Aruak). *Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas-SP, 1992.
- PAYNE, David L. A classification of maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: Desmond C. Derbyshire / Geoffrey K. Pullum (eds.). *Handbook of Amazonian Languages*, vol. 3: 355-499. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1991.
- POSTIGO, Adriana Viana. Língua Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e morfosintática. *Tese de doutorado*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras*. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.
- RODRIGUES, Aryon D. Línguas indígenas brasileiras. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. <[http://www.letas.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas\\_indigenas\\_brasiliras\\_RODRIGUES,\\_Aryon\\_Dall%C2%B4Iga.pdf](http://www.letas.ufmg.br/lali/PDF/L%C3%ADnguas_indigenas_brasiliras_RODRIGUES,_Aryon_Dall%C2%B4Iga.pdf)>. [Consultado em 27 de agosto de 2016].
- SANDALO, Filomena. Harmonia e redução vocálica no português do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 47, n. 3, pp. 268-274, 2012.
- SEKI, Lucy; AIKHENVALD, Alexandra Y. Estudo histórico-comparativo das línguas Arawak do Xingu. *Paper presented at the VII Encontro da ANPOLL*. Porto Alegre, pp. 17-20, 1992.
- SILVA, Teresa Cristina de Souza. Estudo preliminar da fonologia da língua Mehináku. *Dissertação de Mestrado em Linguística*. Brasília, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas, UnB, 1990.
- STEINEN, Karl Von de. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940[1986].
- TRASK, Robert L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.